

## Cada freguesia cuide dos seus Pobres

O dinamismo contido no pensamento expresso por esta pequenina frase exortativa vai-se expandindo e cada vez mais ilumina as preocupações dos que têm responsabilidade pastoral, nomeadamente na área sócio-caritativa.

Já dissemos de como a Assembleia dos Párocos da cidade do Porto a escolheu para «emblemática» da sua participação no Centenário de Pai Américo. «Emblemática» não para

um acto efémero de celebração, mas para uma acção continuada que visa servir melhor os Pobres autênticos, procurando os meios mais adequados para responder às suas carências.

Umás que podem ser remediadas com os recursos próprios de cada comunidade paroquial, desde que acordada a consciência dos seus membros para o dever de providenciar em nome de Deus e

com o poder que, em Sua Justiça, confere aos que verdadeiramente n'Ele acreditam e querem realizar a Sua vontade.

Outras que excedem a capacidade de cada paróquia de per si e as motivarão para o encaminhamento dos casos para instituições especializadas ou até para a associação de várias no esforço de solucionar problemas comuns.

Tudo começa por sensibilizar as pessoas e formar as

consciências para a prática deste dever essencial que integra uma vida legitimamente dita cristã; e ajudá-las a acreditar e a lançá-las na pista de potencialidades escondidas na Justiça imanente de Deus, cuja descoberta pela sincera diligência dos homens, lhes trará a alegria da fecundidade e a paz própria dos que, procurando primariamente a Justiça do Reino, vão encontrando o «tudo mais» prometido por *acréscimo*. É um achar constante de Cristo vivo no meio de nós — um regresso à simplicidade da vida das comunidades primitivas (estas, sim, autênticas comunidades!) de que nos falam os Actos dos Apóstolos, que é «progresso social cristão».

Depois, há que distinguir o trigo do joio: os casos de verdadeira pobreza, dos oportunistas exploradores de aparências e dos que vivem na epiderme da sua sensibilidade.

A eliminação da mendicância que enxameia as ruas das nossas grandes cidades, é um dos objectivos da Assembleia dos Párocos, para que já foram e estão sendo dados passos. Como sempre, nestas causas o que mais falta não é o *quê* mas *quem* se ocupe destas tarefas.

Que trabalho imenso de conhecimento a fazer! Como Pai Américo tantas vezes insistiu, não basta aguardar que os Pobres venham até nós; somos nós que temos de ir ao encontro deles para reconhecer no *habitat* de cada um a autenticidade e o ardil.

Trabalho imenso, sim, para que não falte a perseverança e a convergência de esforços. Deus esteja com as comunidades paroquiais e seus pastores na demorada e difícil consumação de tão bons propósitos!

Mas não é apenas a nível da cidade que esta epígrafe é palavra de ordem; também ao de toda a Diocese.

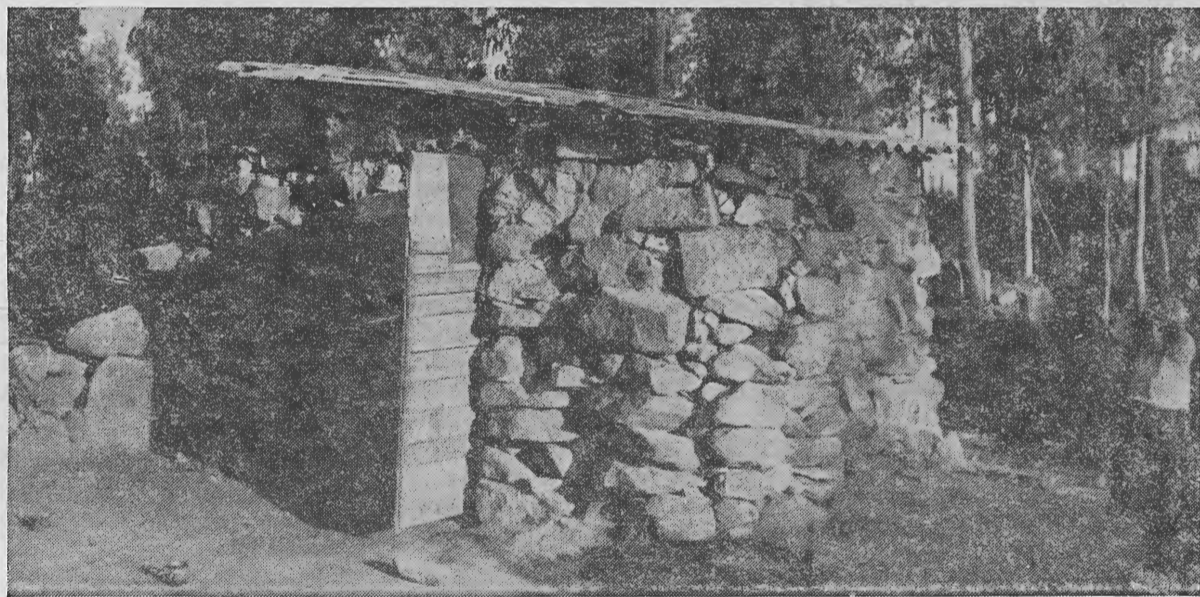
Com efeito, o Secretariado da Pastoral Sócio-Caritativa programou para este ano uma

acção levada a todas as paróquias para que não haja uma única sem um mínimo de orgânica nesta área, que lhe permita conhecer os seus Pobres e cuidar deles. E são tantas ainda as que nada têm! Pois mesmo naquelas mais pequeninas e pobres de recursos, onde não é possível institucionalizar grandes meios de resposta, tem de haver, ao menos, um pequenino grupo de pessoas que se ocupe das necessidades dos mais pobres. Onde há Conferências Vicentinas, estará por elas o problema resolvido! Onde não houver, ou não for possível constitui-las, pois que haja alguém para este «ministério das mesas» tal como, felizmente, já vai havendo em quase todas para o serviço da Liturgia.

Nesta linha, em Maio e princípio de Junho, haverá três jornadas em tantas outras zonas da Diocese — S. João da Madeira, Porto e Penafiel — com o fim de transmitir esta mensagem e este desiderato que está no coração e na mente do Bispo da Diocese.

Oxalá elas tenham larga audiência e alcancem como fruto o esclarecimento e um sério compromisso de boas vontades, para que efectivamente «cada freguesia cuide dos seus Pobres».

Padre Carlos



Que trabalho imenso a fazer! Como Pai Américo tantas vezes insistiu, não basta aguardar que os Pobres venham até nós; somos nós que temos de ir ao encontro deles...

## Cantinho da Família

O Sérgio chegou há poucos dias. É um garoto de oito anos, muito vivo e terno. Cafu em nossos braços como o filho no regaço do pai ou da mãe. Ele tem um e outra, mas vivia como se não tivesse ninguém. O Tribunal de Menores decidiu que fosse nosso. Não havia família para ele. A mãe anda por lá... O pai desapareceu.

De tão habituados que estamos a estes casos, poderíamos fazer silêncio. É mais um. Não incomodávamos ninguém. Mas não. Temos que falar e dizer bem alto esta verdade: a Famí-

lia é um valor que importa defender com todas as forças para que não venha a perder-se. Ela é atacada com meios muito poderosos e influentes. A força do mal entra na intimidade do lar para o destruir. O Sérgio é uma vítima. Quando agarra as nossas mãos diz que não pode viver sem pai. Quando reclina a cabeça em nosso peito e poisa o seu olhar nos nossos olhos, chama pela mãe. Mas, onde estão? Na Família. O Sérgio perdeu-a, porque foi destruída.

Em ocasiões como estas,

ora ficamos tristes ora sentimos uma alegria muito grande. É que o filho, normalmente, por estar tão ligado à mãe, chora quando tem que a deixar. Aqui não chorou. Pobre mãe que não mereceu as lágrimas deste filho! Que dizer do pai? Choramos a desgraça das famílias desfeitas em farrapos! E vivemos a alegria de sermos o Lar a que o Sérgio tem direito.

Era uma rapariga nova, quando veio trazer os dois

Cont. na 2.ª pág.

## Setúbal

A aquisição da nossa Casa de Férias, na Arrábida, tem despertado maravilhas inenarráveis. Como tudo ficaria escondido se esta iniciativa não fosse por diante!

Ora leiam e ponham-se de joelhos como eu costumo fazer após a leitura do correio.

Lisboa: «Era uma quantia destinada a pagar uma viagem à Terra Santa. Esse dinheiro (135.000\$00) é bem melhor empregue para ajudar um nadinha a amortizar a dívida que têm às costas. Deus nos ilumine a todos...» Terra Santa é a terra que pisam os santos. Todos podemos fazer da nossa a Terra Santa. Como Jesus fez. É só querermos.

Mação: «Que o Senhor vos ajude a amar e proteger os

Cont. na 3.ª pág.



# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Os remédios são caros e os Pobres sofrem as consequências: pouco têm para a cura ou para alívio dos males.

Quando assim acontece, damos a mão. «Quem há por aí que sofra... e eu não?»

Os novos Pobres chegam a sentir escrúpulo!

— Isto fica tudo um dinheirão! A gente não quer abusar...! O menos estes remédios..., mais precisos.

Sempre que deparamos urgências, reflectimos com os botões, em silêncio. É no silêncio que Deus ouve.

— Para que serve o clínico receitar, e bem, se o doente não puder com a despesa!?

— Um Serviço Nacional de Saúde (em caixa alta) eficaz, aceitável, ficaria por um dinheirão. Mas, apesar disso, até por isso, entrando no domínio da utopia, não seria de criar (à laia de medicina preventiva) serviços de atendimento de remédios grátis, nos centros de saúde, para quem não puder comprá-los? Situações confirmadas... por assistentes sociais dos CRSS, Conferências Vicentinas, Centros Paroquiais, IPSS, Irmandades, Misericórdias...

— As Irmandades, as Misericórdias! Curvemo-nos respeitosamente perante os cristãos portugueses de antanho, verdadeiros precursores da Segurança Social! Pão, abrigo dos sem abrigo, médicos, remédios na botica, hospitais, funerais... Tudo que faltava aos Pobres era (é) servido na hora própria, das sobras ou da generosidade dos mais abastados.

— Não precisamos d'ir lá fora catar novidades. Há ovos de Colombo portugueses. Pai Américo acionou, testemunhou-os. Só é pena nem todos hajam motivado a alma dos mais responsáveis!

**PARTILHA** — «A mensalidade de Abril», de casal do Fundão — que não falha. Pinheiro de Loures: «Feliz por de novo enfileirar na procissão, mas ao mesmo tempo triste por não ter conseguido aumentar a dose». Aveiro, Rua Dr. Nascimento Leitão, presença habitual — com a Amizade de sempre.

Bairro da Alegria, Braga, um cheque para «ser distribuído por quem mais necessite». São tantos! Vale de correio, de Albufeira (Algarve), «para suavizar a Páscoa de alguns irmãos mais carenciados». Anúncio da Ressurreição!

O assinante 32986, do Porto, amigo de continhas bem feitas, não quer se despiste a partilha e manda cheque expressivo. Dois contos, no Espelho da Moda, «para duas Viúvas». Demos-lhes a mão! «Uma portuense qualquer» — o Porto sempre na brecha! — com a migalhinha de Março. Retribuímos o abraço amigo. Mais Porto: O costume, da assinante 1977. Outro cheque da assinante 33275, também da Cidade Invicta. «Uma parte da renúncia quaresmal», da assinante 14802, Parede, que acrescenta: «Devia tê-la mandado mais cedo, mas não foi possível.

Tendes sempre muitos buraquinhos a tapar». Todos os dias!

Maria do Amparo (desculpe revelar o nome!), assinante 35109, junta o nome de Baptismo à acção: cheque «para abrilhantar um pouco o jantar de Páscoa dum Pobre». 500\$00 da assinante 14165, de Olhão. Rio de Mouro: Oito vezes mais da assinante 22890. Isabel, de V. N. de Gaia, 5.000\$00: «A minha intenção é que sejam para os Pobres». Já seguiram. Aliviaram a dor, o sofrimento.

Alto lá! Agora, o Provedor duma Misericórdia, velho Amigo que abraçamos: Rapa do livro de cheques, lembra os nossos Pobres e afirma, em silêncio, que a Caridade é universal, sem capelinhas. Assinante 26471, de Algueirão, a «habitual participação, relativa a Março e Abril, acrescida para as amêndoas da Páscoa»: 2.500\$00. Mais Ressurreição! Assinante 25475, do Barreiro, remanescente de contas com O GAIATO. Assinante 32436, do Porto, com «amêndoas» de Páscoa, também. Idem, de um casal setubalense. Idem, de Santa Cruz do Douro. Mais 500\$00, de Vila Real. As partilhas da «Avó de Sintra» e da assinante 7769, do Porto. Mais nada.

Em nome dos Pobres, muito obrigado; e a continuação de santa Páscoa.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

**PÁScoa** — A Páscoa significa a passagem de um estado para outro, isto é, da morte para a Vida, da perdição para a Salvação; ou, se quisermos, da tristeza para a Alegria, porque a Ressurreição de Cristo é para nós, cristãos, motivo de júbilo.

Vivemos, solenemente, o tempo Pascal. Assim, na Quinta-feira Santa, o Padre Marílio ajudou-nos a preparar a Páscoa, a celebração da Eucaristia — momento alto — que, nesse dia, especialmente, recorda a instituição e partilha do Pão divino por Jesus Cristo.

Alguns rapazes fizeram a primeira

Comunhão. Esperamos que nunca se desviem do Caminho de Deus e sintam alegria por viverem em Cristo.

Na noite d'Aleluia, sábado, integrado na santa Missa, celebrámos o Baptismo do «Cenourinha». Outro momento alto por nós vivido no Tempo Pascal.

**EFACEC** — O grupo da Efacec visitou-nos no dia 25 de Abril.

Como vem acontecendo, há alguns anos, ofereceram o almoço e a merenda à comunidade.

Grande significado tem o desejo, renovado, deste grupo, de nos visitar todos os anos. É muito importante o convívio e a amizade que nos dedicam. Obrigado!

**DESPORTO** — Defrontámos um grupo de Miragaia, em 26 de Abril. Equipa nossa conhecida, pois já ganhou e empatou em anteriores deslocações à nossa Aldeia. Por isso, o jogo era aguardado com expectativa.

Mas desta vez vencemos nós! De facto, a nossa equipa, na segunda parte, fez um belo jogo que culminou com a obtenção de três golos.

Renovamos o convite a colectividades e associações desportivas que desejem defrontar-nos, principalmente as que tenham equipas de iniciados e juvenis. Interessa ocupar os miúdos em actividades úteis ao desenvolvimento físico e moral, como o futebol.

**VISITAS** — Cresce o número de visitantes à nossa Aldeia, mesmo em dias úteis.

As Escolas Primárias, Preparatórias e Secundárias da região, e até do Porto, já começaram a visitar-nos. É bom ver que a juventude gosta de estar connosco, de nos conhecer.

Ludgero Paulo

## Lar do Porto

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — É a vez do Alexandre e da Emília darem conta das suas visitas aos nossos e seus Pobres. Também eles sofrem com o que vêem. A senhora Dália, de 85 anos,

paralítica, arrasta-se pelo chão; vive numa alcova, num primeiro andar, por detrás do Palácio da Justiça; e se não fosse a ajuda de uma vizinha que mora ao lado, levava uma vida ainda mais penosa.

Há algum tempo notávamos a tristeza dos nossos vicentinos nas reuniões e isso trazia-nos preocupados. A jeito de desabafo disse-ram das diligências que têm feito, sem o conseguir, de um fogão a gás que substituisse a máquina a petróleo. Também os preocupa o isolamento a que ela está votada; e quando lá vão, encontram-na com o Terço na mão como companhia, e um rádio despertador que os vizinhos ofereceram. Eles queriam dar a alegria de levar à sua velhinha um televisor que funcionasse; os que conseguiram, estão avariados e a reparação é de tal modo que nos obriga a desistir. Aqui deixamos o apelo aos nossos Amigos: Se tiverem um televisor que funcione e não

faça falta, avisem. Também os géneros que levam não são suficientes. Precisamos de atenuar o sofrimento da nossa velhinha.

**CAMPANHA TENHA O SEU POBRE** — Do assinante 3359, 1.000\$00 «para o leite dos meninos». De Fíies, 5.000\$00 «para adoçar um pouco a Páscoa dos Pobres». Os pequenitos que digam como foram doces as amêndoas. Um anónimo, 1.000\$. Da Régua, Quinta do Pedro, em vale dos CTT, 2.000\$. De J. R. D., mais uma migalhinha de 1.000\$. De Penafiel, Lar dos Capuchos, 5.000\$ «para ajuda das despesas dos vossos Pobres». Não é a primeira vez que esta irmã comunga connosco o sofrimento dos irmãos mais necessitados. Da assinante 1977, sempre presente, 150\$00 mais 1.500\$ de duas amigas. Bem hajam todos pela ajuda que nos dão.

José Alves

## Cantinho da Família

Cont. da 1.ª pag.

filhos. Tinha 24 anos. Desde os 16 vivia pelas estradas. Já não aguentava o ambiente de casa, transformado num campo de batalha. O amor morreu. E com ele foi-se a Família. A porta abriu-se para o mundo da miséria mais desumana. Primeiro, foi a filha. Apareceu um homem e juntaram-se. Não havia garantias de estabilidade para esta união que, em breve, se desfez. Os dois filhos perderam o pai e a mãe. Ficaram sem família. Existe um e outro. Mas não há Família. E o caminho da rua ficou aberto. E depois a cadeia à espera. E Portugal mais pobre. Pai Américo viveu estes pro-

blemas no seu tempo. E as Casas do Gaiato nasceram como voz a denunciar as forças do mal que matam a Família, enquanto abriam as suas portas para fechar as da rua e das cadeias. Os dois pequenos vivem connosco e vão ser entregues, um dia, à Nação como parte da sua maior riqueza — o homem digno.

Ontem vi um carro de aluguer subir a avenida da nossa Aldeia. Ao lado do motorista, uma senhora de cabelos compridos, muito alta e magra. Telefonou, de véspera, a perguntar se podia vir.

— Tenho dois filhos e não quero que sejam desgraçados como eu. Venho pedir para ficarem aqui.

Foi o recado que nos deixou, mais a história da sua vida. Como não havemos de estar inquietos? Como podemos viver tranquilos? E estes filhos? Que fazer? Ir ao encontro dos jovens e dizer-lhes que não brinquem ao amor. Levar-lhes estes testemunhos. Dizer-lhes que a Família nasce de um amor sério que leva sempre a marca do esforço, da renúncia alegre e do sacrifício. Que se acaulem. Que se vigiem. Que busquem formação. Que lhes seja dada formação por quem tem o dever de a dar. Ir com estas armas aos senhores da televisão, dos livros e revistas e dizer-lhes basta! Ir aos lares aflitos pedir-lhes, de joelhos, que se voltem para as fontes da unidade — e salvem a Família. Entrar nas casas e viver a alegria e a paz com pais e filhos à volta da mesa.

Padre Manuel António



Uma equipa de futebol da Casa do Gaiato de Paço de Sousa



# SETÚBAL

Cont. da 1.ª pág.

rapazes» — 20 contos. Esta é a resposta a algumas críticas ou reparos. Se os rapazes ficassem sem férias ou sem praia, nenhum dos que nos criticam ou reparam, fariam. Diriam, desculpando-se naturalmente: — Isso é lá com fulano!

Uma Maria, de Palmela, «vivendo da reforma e com o marido inválido», compromete-se: «Alguma coisa que for sobrando, eu não esquecerei essa Obra tão linda».

Mais: «Pequena renúncia na preparação desta Páscoa a favor da Casa da Arrábida para os queridos gaiatos» — 10.000\$00. Nos queridos está expressa a razão da renúncia feliz. Uma operada: «Quero muito entrar nessa festa de amor. Segue a minha contribuição de Abril» — 5.000\$00. Um jovem, de Pegões: «Poderá não ser muito, mas é dado com os olhos postos em Deus!» — 5.000\$00.

Porto: «Uma leitora d'O GAIATO» manda 10.000\$00 e recomenda que «seria bom, de vez em quando, publicar também o endereço de todas as Casas do Gaiato porque assim poderíamos responder directamente a um apelo mais urgente». A de Setúbal é só: 2900 Setúbal.

V. N. de Gaia: «Uma telhazinha da futura Colónia de Férias da Arrábida» — 5.000\$.

O assinante 28.680, e sua esposa, com votos de que «continuem a dar aos nossos rapazes boa saúde espiritual, social e material» — 10.000\$.

Um casal, anónimo, de Ermesinde, a pedir oração pelos seus sete filhos e com necessidade de obras em casa —

25.000\$00. Cinco contos, de senhoras que consentam e reparam a roupa no Lar, à segunda-feira; do assinante 40422, de Caia; de Calvaria, entregue à Teresa, no Lar; da Luísa; Virgínia, de Paredes; de Monchique; da Horácia; do Montijo; do Barreiro; de Vila Real; Palmela; Quinta do Anjo; primeira prestação de uma mãe a quem morreu um filho de 13 anos; do assinante 28155; e, de Lisboa, Maria Antónia.

Os antigos gaiatos começam a levantar voz. Se há vozes que nos agradam, a deles é das mais lindas. Em Grândola, um deles com a esposa percorreram familiares, amigos, clientes e fornecedores, fazendo um peditório para a Casa da Praia e trouxeram a passar de 170.000\$, sendo 55.000\$ deles e dos filhos. Vieram trazer esta quantia em Quinta-feira Santa, à tarde!... Argumento para a minha palavra aos rapazes e ajuda para a nossa alegria naquela tarde sagrada. Um, do Porto, manda 10.000\$ com palavras de carinho e estímulo; outro, de Odivelas, vem pessoalmente com cinco contos e mais um de cada filho. Ouçam, agora, a voz de dois netos da Obra: «Sendo filho de um gaiato venho com este simples gesto ajudar a compra da tão desejada Casa da Praia, pois eu tenho as praias que quero — como todas as crianças deveriam ter». Mil escudos dele e o mesmo da irmã. Ora aí têm os poucos que nos desdenham!...

Na Alemanha, um antigo gaiato tem mexido as cordas entre os emigrantes — e de Münster enviaram 276.976\$80, produto de um convívio e de ofertas. Graças a Deus por quem longe vibra com as ne-

cessidades do seu País! «Em homenagem ao Padre Américo e Sebastião da Gama que eu tanto admiro» — cem contos do assinante 528. O mesmo de um anónimo, de Setúbal, que «não quis ficar indiferente»; e o dobro de um jovem que se esconde. Cinquenta contos de um amigo a quem desabafei a mágoa relacionada com o assunto. O mesmo, de Tomar, de Lisboa e, à saída do refeitório, uma cara conhecida, de olhos humedecidos; e no mesmo lugar idêntica quantia de «uma anónima alentejana». Vinte, da Laura, de Coimbra; e da mesma cidade uma carta cheia de beleza «pelo desconto dos meus pecados, a minha pensão» — 12.200\$00. A mãe, em envelope, da Margarida, de Oeiras e do Cabé e da Zininha.

Mais dez, do Porto; de Constância, o assinante 17624; de Dulce; do José Orlando; da Costa da Caparica; de uma senhora costureira, no Lar; da Fernanda; da Alda com expressões de poesia primaveril dedicada aos gaiatos e à Arrábida;

Retalhos de vida

## «PICA-PAU»



Chamo-me Alexandre Ant3nio Alves, o «Pica-pau». Nasci em Mogadouro, no dia 30 de Outubro de 1971. Portanto, tenho 15 anos.

Vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, no dia 4 de Setembro de 1981, porque o meu pai faleceu e a minha mãe não tinha possibilidades de nos criar. Eramos pobres e muitos irmãos. São eles: o Benjamim, o «Andorinha» e o «Papagaio».

Aqui, na Casa do Gaiato, trabalho na vacaria; e também estudo: frequento o 2.º ano do Ciclo Preparatório. Sou, ainda, distribuidor d'O GAIATO, na cidade de Amarante.

Quando for grande gostaria de ser mecânico de automóveis.

Um grande abraço para todos os leitores do nosso jornal.

Alexandre («Pica-Pau»)

e da Quinta do Anjo, pelo «Melo». Mil escudos: de Silves, da Caparica, de F. Martins, de uma vizinha do Lar, de Seia, Setúbal, Cascais, Quinta do Anjo, Palmela. E 500\$00, de Águas de Moura.

Mais grandeza!: «O meu

salário do mês de Março» — 25.600\$00.

Faltam-nos, ainda, dezasseis mil contos. Se ainda não pudeste responder, fá-lo quando e com quanto t3r for possível.

Padre Ac3lio

## Novos Assinantes de «O GAIATO»

A escassez de espaço não tem permitido a saída de notas sobre a procissão de novos Assinantes. Agora, no meio da multidão, cada um com sua mensagem, sentimos-nos frustrados por não conseguirmos citar um pouco de tudo, de todos!

Os Padres da Rua muito teriam que revelar, de paróquias nortenhas onde anunciaram, recentemente, a Boa Nova temperada com O GAIATO! Não importa, agora, onde, quais; sim que recolheram centenas de novos Leitores para o «Famoso». Compromissos firmados ao pé do Altar!

Uma das melhores homenagens a Pai Américo — no ano Centenário que decorre — é a divulgação d'O GAIATO, nascido no fundo do seu coração aquecido pelo Fogo do Espírito; pedaços da sua alma grande; ressonância da voz dos Sem-Voz — os Pobres — marginalizados do mundo onde conta mais o ter que o ser; denúncia permanente consubstanciada na Mensagem de Jesus; fermento de mudança que os olhos do espírito testemunham entre os Leitores.

Estamos já a caminho dos 70.000 exemplares! Quem havia de dizer?! E quantos mais, maior a responsabilidade d'O GAIATO.

Não deixa de ser curioso recordar, aqui e agora, a constante motivação de Pai Américo na divulgação do pequenino desordeiro. T3o receptivo a sugestões que permitissem abrir os olhos a desconhecidos

para enfileirarem na procissão de novos Assinantes! O dom de saber escutar.

Ainda que pareça, não perdemos o rumo da procissão, que vive de quadros vivos que são história da sua história.

Quem dera Pai Américo humanamente aqui, a nosso lado, para sentirmos, ao menos, a sua alegria pela crescente expansão d'O GAIATO!

Como cantaria hossanas à extraordinária acção dum capelão da GNR que, por todo o norte do País, caça agentes da ordem — e não só — para a Família d'O GAIATO, comunicando sempre a boa nova com um sinal mais: «Mais uma assinatura! V3m vindo...»

Que dizer da assinante 39188?:

«Para engrossar o número de Assinantes — que já é grande, mas pode ainda ser maior — mando os nomes de duas amigas que passar3o também a ler e meditar O GAIATO.»

Aumenta o número de inscrições sem apoio de terceiros, a maior parte Leitores-avulso que nem sempre encontram os pequenos distribuidores do jornal.

Rio de Mouro: «Antes do mais — bem hajam! Tenho adquirido O GAIATO, avulso, desde há muitos anos. Enfim... Agora, porém, desejo ser assinante.»

Nota valiosa: A crescente difusão d'O GAIATO pelos círculos de amigos e famílias dos Leitores!

Porto:

Agradeço considerarem assinantes..., respectivamente os meus netos, das minhas filhas mais nova e mais velha.

Como já tenho 65 anos, se mais não lhes puder deixar, deixo-lhes o testemunho de Cristo — expresso n'O GAIATO.

Saber3o cumprir. Confio neles.»

Mais Porto:

«Venho com muito gosto pôr em dia a minha anuidade d'O GAIATO, que leio sempre com o mais vivo prazer — direi mesmo: amor!»

Mando o endereço duma nova assinante, uma grande amiga que, estou certa, fará frutificar a boa semente do Evangelho na obra apostólica que realiza no meio rural.

Peço o favor de enviarem os exemplares do jornal desde o princípio de Janeiro.»

As bandeiras da procissão são fomalha ardente de invocações expressas, mas não conseguimos ir mais além — por mor do espaço! Só nos

Cont. na 4.ª pág.

## FESTAS

### SUL

10 de Maio, 15,30 h., Sal3o do Instituto de ODIVELAS. Bilhetes à venda na respectiva Paróquia e na Casa do Gaiato do Tojal (Telef. 9849019).

10 de Maio, 21,30 h., Sal3o Paroquial — COVA DA PIEDADE.

16 de Maio, 15 h., Sal3o dos Bombeiros V. LOURES.

24 de Maio, 15 h., no Sal3o dos Bombeiros V. de TORRES VEDRAS.

30 de Maio, 21,30 h., Sal3o Paroquial — FERN3O FERRO.

### CENTRO DO PAÍS

9 de Maio, à tarde e à noite, Cine-Centro, da Covilhã.

10 de Maio, Escola Secundária de CASTELO BRANCO.

14 de Maio, Cine-Teatro Lúcio da Silva, LEIRIA.

16 de Maio, em MIRA.

20 de Maio, Teatro de ANADIA.

22 de Maio, Cine-Teatro de TOMAR.

23 de Maio, Cinema Messias, MEALHADA.

29 de Maio, Cine-Teatro Imp3rio, LOUS3.

30 de Maio, Sal3o dos Bombeiros, CANTANHEDE.

31 de Maio, Teatro Alves Coelho, ARGANIL.



# AQUI LISBOA!

«Negócios, nem com o Vaticano.» (Pai Américo)

Foi há poucos dias. Estávamos no fim do jantar da Comunidade. Eis que chega um carro, com um casal. O chefe corre pressuroso para atender os visitantes e ao reentrar no refeitório dirige-se-nos, dizendo: «Chegaram uns senhores que lhe querem falar». Saímos. Após os cumprimentos preliminares, e de se certificarem que éramos os responsáveis da Casa, ouvimos, em explanação fluente, o cavalheiro: «Estamos a pensar em instalar um bingo em X. Porém, só obteremos autorização se a respectiva exploração for pedida em nome duma Instituição. Falaram-nos na Obra da Rua e que o procurássemos. A Obra teria a sua percentagem nos lucros, etc, etc, etc...»

## TRIBUNA de Coimbra

Faz-me sempre bem visitar os doentes. Venho de junto deles com mais alma. Embora nem todos bendigam o sofrimento, há muitos que louvam o Senhor Deus — que os ama.

No Sábado Santo e no Domingo de Páscoa fui levar o Pão do Céu a alguns. De entre todos houve um que me escaludou com sentimentos de resignação. Muito a custo levantou-se e foi amparado a um móvel buscar o seu livro de apontamentos. De madrugada tinha-se levantado e tinha escrito: «Se estás a sofrer, confia no Senhor Jesus. Ele está contigo».

Que olhos de alegria confiante revelava este doente! Tive a sensação que, como os Amigos daquele tempo, vi Jesus Cristo Ressuscitado. Foi um foliar de Páscoa que trouxe para casa.

Recordo, muitas vezes, o testemunho que de uma vez a Dulce, do nosso Calvário, me deixou na alma: «Olhe que a doença não é nenhum mal, nem nos deve fazer tristes». Procurei sorrir e respondi: — Tens razão, Dulce. Eu tenho sentimentos pagãos.

É muito fácil termos estes sentimentos pagãos. Sempre que as coisas não correm ao nosso jeito eles aparecem e dominam. A renúncia é dos heróis.

Voltando aos doentes: Não tenhamos receio de os ajudar a ser heróis! Muitas vezes são os que têm saúde que lhes aumentam a doença.

A Páscoa mostrou-me, mais uma vez, Jesus Cristo vencedor da morte e presente na nossa vida. Que todos O tenham visto e acolhido.

Padre Horácio

Em tom calmo retorquimos: — Não, meu senhor, isso não está dentro dos nossos moldes de trabalhar. Os visitantes partiram, não sabemos se desiludidos ou frustrados; nós, ao cair da tarde daquele dia, sentimos uma paz indescritível.

Já aqui temos contado outras sugestões para darmos o nome da Obra para tómbolas ou sorteios monumentais, com o isco da participação nos respectivos saldos, com números e tudo para argumentação mais convincente. O mesmo se diga em relação a bailes, rifas, sorteios, cortejos e festas. As respostas têm sido sempre negativas; e, se às vezes nos chegam ecos da realização de acções desse tipo, podemos afirmar que não têm o nosso prévio consentimento.

Para melhor ilustrarmos o nosso pensamento transcrevemos a seguir algumas passagens de Pai Américo, que pela sua acutilância e realismo, mais ajudarão a entender a nossa posição. Ei-las:

«Na verdade nós não fazemos rifas. Não jogamos na lotaria. Não promovemos nem aceitamos o produto de caldos verdes, de ceias à americana, de arraiais minhotos, de tómbolas e verbenas, de chás e reuniões distintas. Não usamos leilões. Não queremos cortejos. Nós somos do Sermão da Montanha e está tudo dito.

Auxílios por meio de festas são outro mal. É a festa que importa; não são de maneira nenhuma as causas invocadas nem a condição dos Irmãos. Tão pouco os Pobres são Irmãos.

Mas ele há outro mal maior que por vezes me tem chegado às mãos, nos pedidos de autorização para levar a efeito uma patuscada social a favor da Casa do Gaiato. Ei-lo: «O povo desta terra, se não for assim, não dá». E em lugar de tentarmos, nós todos, destruir este péssimo conceito, usamos, nós todos, de meios aliciantes para fomentar e alimentar o erro. Tómbolas; verbenas; cortejos; reuniões de chá e fados — tudo rótulos e tabuletas de uma caridade fingida.

Mais: Além das festas profanas que amistosamente nos inculcam, têm aparecido, se bem que ora raramente, propostas de negócios a favor da «sua maravilhosa Obra». Quando a verdade toda é que esta Obra é maravilhosa justamente por renunciar a tudo quanto não seja amor desinteressado. A derradeira proposta veio-nos a propósito do Ano Santo e era feita por um cavaleiro da maior respeitabilidade e recta intenção. Eram medalhas. Os nossos rapazes promoveriam a sua venda. O lucro constava da carta e era importante. E eu despachei na própria carta: **Negócios, nem com o Vaticano.**

Não senhor. Nem festas nem negócios. Para uma Obra social aonde anda empenhado o Sangue do Calvário, só vale o Calvário.»

Numa época assaz materialista, em que o comum dos mortais só pensa no ter e fazer dinheiro, procuramos ser firmes e fiéis, certos de que não nos faltará o essencial. Um dia, a propósito de alguém que intitulou a Obra da Rua uma «farsa» e Pai Américo um «farsante», escreveu ele:

«Eu cá não procedo assim. Não chamo farsa a nenhuma exibição pública e social a favor de obras e de pessoas. Não senhor. Respeitemos as ideias e as intenções e as iniciativas generosas. Agora, não concordar, isso sim. Denunciar o mal, sim. Tomar a posição suave e firme dos pregadores do Evangelho — aí de mim se o não fizesse! E é isso que eu faço com o sermão de hoje. Sermão, digo bem. Este jornal é púlpito.»



Casa do Gaiato de Lisboa — Santo Antão do Tojal (Loures)

## Novos Assinantes de O GAIATO

Cont. da 3.ª pag.

resta marcar a procedência dos peregrinos: Muitos do Porto, Lisboa e Coimbra. Mais Évora — oh Alentejo! — Ançada (Mangualde), Fornos e Sanfins (Feira), Santarém, Leiria, Chermela (Tomar), Vila do Conde, Valbom (Gondomar), Carrazedo de Montenegro, Vilar do Pinheiro, Guilhabreu, Leça da Palmeira, Anadia, Vila Nova de Gaia, S. Bernardo, Peniche, Barcelos, Tojeira (Avelar), Ceira, S. Vicente da Beira, Galegos (Penafiel), Odivelas, Aveiro, Fornos de Algodres, Tadim, Cortegaça, Santa Cristina (Santo Tirso), Felgueiras, Setúbal, Lagares (Penafiel), Amarante, Torrão, Espinho, S. João da Madeira, Arronches, Penamacor, S. Cosme (Gondomar), Agueda, S. Mamede de Infesta, Venda Nova (Amadora), Perozinhos, Mogadouro, Braga, Santa Maria da Feira, Albufeira, Moreira da Maia, Aldeia Nova de S. Bento, Duas Igrejas (Miranda do Douro), Ermesinde, Ul, Vila Nova de Famalicão, Almeirim, Almada, Brejos do Assa, Vila Boa de Quires, Rio Tinto, Candal (Gaia), S. Pedro de Alva, Vilar de Andorinho, Celorico da

Reparem os nossos Leitores na delicadeza e na caridade de Pai Américo. As suas palavras continuam de uma actualidade viva, total.

Ficam para outro dia algumas despreziosas considerações sobre os malefícios manifestos da proliferação dos chamados jogos de azar, entre os quais os das máquinas e os dos bingos. Quantos lares e pessoas destroçados pelo vício do jogo, enquanto uma minoria se vai banquetear à custa da desgraça dos seus semelhantes.

TIPOGRAFIA — Falámos, no outro número d'O GAIATO, da aquisição de uma offset para a tipografia. Entretanto, entrámos no estudo do processo que nos levará à compra duma fotocompositora. Tudo somado andará à volta de 20 mil contos! E esta...?!, como diria o consagrado Pessa! Pois é, caros leitores, precisamente pelo que atrás se expôs: «O êxito das obras sociais consiste no segredo

divino de as tornar humanas». Demos as mãos!

CAPELA — Não temos falado nela, o que talvez constitua estranheza. Podemos, porém, informar que vai arrançar dentro em breve.

BAIRRO PAI AMÉRICO — Acabamos de receber as primeiras informações oficiais da Câmara de Loures. Tal facto veio alegrar-nos, neste ano Centenário, proporcionando assim a ocasião de ajudar alguns dos nossos Rapazes na construção das suas próprias habitações. Contamos com a boa vontade da Edilidade e a ajuda, nunca negada, dos nossos Amigos. Todos juntos não seremos demais.

PADRES E SENHORAS — Precisam-se. Prometem-se trabalhos e preocupações, alegrias e sofrimentos. No fim: a Vida Eterna, nada mais.

Padre Luiz

da), Ovar, Monte da Caparica, Nisa, Lodaes, Custóias, Elvas, Soure, Barreiro, Cascais, Fonte Arcada (Penafiel), Castelo de Paiva, Viana do Castelo, Viana do Alentejo, Olival, Adémia, Alcabideche, Santo Tirso, Gondomar, Maia, Canidelo, S. Julião do Tojal, Oeiras, Recarei, Torres Vedras, Pombal, Queluz, Sarnadinha (Lousã), Tentúgal, Sines, Covilhã, Pardelhas e Monte (Murtosa), Ançã, S. Pedro do Sul, Murtosa, Faro, Hortas (Vila Real de Santo António), Cortes (Leiria), Luso, Rio Meão, Peniche, Fajozes. E mais: Luxemburgo, França, Brasil, Canadá, Angola, Estados Unidos da América, Guiné-Bissau, Suíça, Inglaterra. Uma grande parte do Mundo!

Júlio Mendes

Director: Padre Telmo      Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285  
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239  
Tiragem média, por edição, no mês de Abril: 65.705 exemplares.